ISSN 1984-5634

ARTIGO

Uma peça para a vida de Lélia Abramo (1911 - 2004): a construção de uma memória em três atos[1]

A play for Lelia Abramo' life (1911 – 2004): a memory construction in three acts

Roger Camacho Barrero Junior*

Resumo

Lélia Abramo (1911-2004) militou em grupos de esquerda e trabalhou como atriz. Publicou uma autobiografia em 1997, a qual se tornou um marco na construção de sua memória. Contudo, a maneira como é representada varia. Se os jornais de grande circulação enfatizavam os palcos, a militância lembrava a sua atuação nas greves do ABC e na fundação do PT. Tais imagens persistiram, como na celebração póstuma do seu centenário (2011). Pensando nessas informações, este artigo tem o objetivo analisar como a memória dessa atriz foi gerida e reelaborada no final de sua vida, no momento de sua morte e nos anos seguintes. Para tanto, analisamos textos publicados em jornais de grande circulação na cidade de São Paulo, pelo seu partido (PT) e notas emitidas por agentes políticos. Nesse sentido, apontamos para a importância de analisar os laços construídos por Lélia no decorrer de sua vida e como estes interferem na construção de uma imagem póstuma, rompendo assim com visões que reforçam a linearidade e a coerência dos indivíduos.

Palavras-chave: Memória; Trajetórias de Vida; Gênero

Abstract

Lelia Abramo (1911-2004) militated in left groups and worked like a actress. She has publishied an autobiography in 1997, that became a mark on her memory construction. However, the way that she is represented changes. If the grand media emphasizes the stages, militancy remember of your work on the Sao Paulo ABC cities strikes and in the Workers Party foundation. Theses images continues in the last years, like in the Lelia's Centenary Birthday (2011). Thinking about this, this article has the aim of analyses how Lelia's memory has been managed and reshaped in the end of her life, on the moment of your death and in the post years. In this sense, we analyse articles that were published in newspapers of great circulation in São Paulo city, by her party (PT) and notes published by political agents. Therefore we appoint to importance to analyse and understand the construction of social ties by Lelia along her life and how its interfere in the construction of posthmous memory, breaking with views that reinforce individuals linearity and coherence.

Keywords: Memory; Life Trajectories; Gender

EDITOR-CHEFE:
Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:
Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 19.01.2022
ACEITO: 01.09.2022

COMO CITAR:
Barrero Junior, R.C. Uma peça para a vida de Lélia Abramo (1911 - 2004): a construção de uma memória em três atos. *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 142-158, jan.–jun., 2023.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

* Pesquisador na Fundação Getúlio Vargas (FGV) (pós-doutorado). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID iD: 0000-0002-4054-127X.
E-mail: r.cb.j@hotmail.com.

Lélia Abramo nasceu em São Paulo - SP no dia 10 de fevereiro de 1911 e era filha de um casal de migrantes italianos. Inseriu-se em agremiações trotskistas na década de 1930 e atuou no Sindicato dos Comerciários de 1932 a 1936. Ela viajou para a Itália em 1938 devido a problemas de saúde, mas acabou permanecendo ali por muito mais tempo devido à eclosão da guerra em setembro de 1939. Conseguiu voltar ao Brasil apenas em 1950 iniciou sua carreira como atriz em 1958 com a peça *Eles não Usam Black Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. A partir dessa experiência ela se aproximou do Sindicato dos Atores e Técnicos de Diversões e Artes de São Paulo (SATED-SP), e foi sua presidenta de 1978 até 1981. Participou do ato de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980 e se candidatou ao Senado em 1982, sem obter êxito. Anos mais tarde, ela começou a trabalhar na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sob o comando de Marilena Chauí, na gestão da prefeita Luíza Erundina de Sousa, onde desenvolveu projetos para a inserção de pessoas idosas no espaço urbano e no mercado de trabalho. Publicou uma autobiografia em 1997 e, a partir dela, deu entrevistas e participou de eventos organizados por sindicalistas e familiares de vítimas do regime civil-militar brasileiro (1964 - 1985). Tal livro se tornou um marco em sua trajetória, pois serviu para consolidar uma memória (moldada por ela própria) no cenário artístico e político brasileiro. Lélia permaneceu no PT até falecer, em 9 de abril de 2004, mas a citação a seu nome seguiu recorrente nos anos seguintes.

Este breve resumo da trajetória de Lélia Abramo serve para introduzirmos o objetivo central deste artigo: analisar como a memória dessa atriz foi gerida e reelaborada no final de sua vida, no momento de sua morte e nos anos seguintes a esse acontecimento. Todavia, é necessário atentar para o fato de que a construção de um legado para essa militante não foi algo espontâneo, mas que vinha ocorrendo pelo menos desde a publicação de sua autobiografia em 1997.

Como base para nossa análise, partimos dos conceitos de *memória enquadrada* e *memória solidificada* de Michael Pollak. O primeiro diz respeito às lembranças delimitadas/moldadas a partir de interesses (grupais ou individuais) a fim de preservar/gerir uma determinada imagem sobre o passado. Tal processo é realizado a partir de seleções, silenciamentos e recortes, os quais acabam por gerar linearidades e homogeneidades sobre uma vida, período ou fato específicos. Nesse sentido, as memórias entram em disputa com o objetivo de se tornar o discurso oficial. Contudo, as dissonâncias não deixam de circular de forma subterrânea, vindo à tona em certos momentos. (POLLAK, 1989). No caso de Lélia, nota-se a diferença entre aquilo que foi dito por seus companheiros de militância e o que foi noticiado por veículos de imprensa da elite. Não podemos tratar aqui de uma opressão, mas de como a imagem da atriz se sobrepõe à da ativista (e vice-versa) a depender de quem fala e quando o faz.

A memória solidificada, por sua vez, se refere àquelas informações que permanecem num determinado relato mesmo com o passar do tempo. De acordo com Pollak (1992), essa repetição não pode ser entendida como a confirmação da *veracidade* do relato, mas como uma ferramenta para reafirmação de identidades pessoais e coletivas, pois um indivíduo pode enfatizar certos fatos de sua vida a fim de reiterar pertencimentos e elaborar/gerir uma imagem de si, para si e para os outros. Nesse sentido, devemos lembrar que a forma como Lélia escreveu sobre a sua vida nos traz indícios de como ela se percebia, mas também como queria ser lembrada por outras pessoas. Tal lembrança também

1 Este artigo é uma versão revisada e atualizada de uma fala apresentada no XXXI Simpósio Nacional de História (BARRERO JUNIOR, 2021b), a qual é produto da primeira seção do terceiro capítulo de minha tese de doutorado (BARRERO JUNIOR, 2021a). O trabalho em questão foi defendido em 2021 sob a orientação do professor Dr. Benito Bisso Schmidt e foi financiado pela CAPES.

tinha o intuito de compreender os caminhos trilhados e o espaço ocupado no presente, o que não estaria isento de questões afetivas ou emocionais.

Vale lembrar também que uma trajetória de vida não é linear ou coesa. Sobre essa questão, Pierre Bourdieu (2015) alerta para o perigo de cairmos em uma *ilusão biográfica*, ou seja, tomar uma vida como um todo homogêneo e isento de hesitações e interferências externas. De acordo com o sociólogo, muitas biografias caem na armadilha de contar uma vida dessa maneira, pois entendem que as pessoas nasceriam com certas habilidades ou dons. Tal problema surgiria por meio de expressões como *desde sempre* ou *desde pequeno,* trazendo um olhar que reforce condutas coesas, como se os sujeitos não mudassem seus posicionamentos no decorrer de suas vidas. Outro de seus conceitos são os *capitais simbólicos*, os quais seriam uma espécie de *moeda de troca* utilizada pelos indivíduos para se inserir e ganhar visibilidade em certos espaços, como nos meios artístico, profissional e político (BOURDIEU, 2009). Benito Bisso Schmidt (2014) nos mostra que uma vida não pode ser entendida como uma linearidade ou uma sucessão de etapas, mas como uma confluência de temporalidades e conjunturas. Partindo dessa análise, podemos entender que uma pessoa é cruzada por *camadas temporais*, ou seja, que ela vive simultaneamente conjunturas familiares, profissionais, políticas, e assim por diante.

Por último, e não menos importante, devemos tratar da questão do gênero, pois tratamos da trajetória de uma mulher, a qual teve muito dos seus projetos delimitados ou influenciados por esse vetor. De acordo com Marta Rovai (2014), a memória também é generificada na medida em que homens e mulheres podem ter visões diferentes sobre um mesmo fato, o que seria decorrente da especificidade de suas experiências em meio às relações binárias de gênero. Em sua pesquisa, a professora mostra que os operários da greve de Osasco (1968) ressaltam valores como a força, o trabalho pesado e a valentia, enquanto suas esposas entendem que o cuidado da casa e dos filhos em um momento de dificuldade deveria ser reconhecido. Portanto, as amigas de Lélia poderiam ter uma visão própria da vida de Lélia, recordando de certos eventos, enquanto os companheiros lembrariam de outras coisas. Tais traços não gerariam necessariamente uma disputa, mas mostram como os repertórios dos sujeitos devem ser levados em consideração na análise de seus relatos.

CONSTRUINDO-SE POR MEIO DA ESCRITA: UMA AUTOBIOGRAFIA PARA LÉLIA ABRAMO

Em 1997, Lélia Abramo publicou sua autobiografia em parceria com a Fundação Perseu Abramo e a Editora da Unicamp. O livro em questão tratava de uma gama de fatos que iam desde a sua infância até o momento da escrita, acrescido de imagens e fontes que reforçavam o *pacto referencial* da atriz com seus leitores (LEJEUNE, 2008). Em meio a lembranças e sentimentos, Lélia não deixou de expor aquilo que sentia em relação à virada do século:

> Não há dúvida de que foi um privilégio ter vivido neste século. (...) Ouso dizer uma coisa que pode soar como uma heresia para muitos, mas creio não estar errada: o impressionante avanço tecnológico e científico do século teria tido resultados mais vantajosos para todos numa sociedade menos injusta, com equilíbrio na distribuição de renda e com maior respeito aos direitos humanos (ABRAMO, 1997, p. 254)

Lélia tinha 86 anos de idade quando publicou o seu livro e utilizava-se da sua autopercepção etária para refletir sobre o passado. A partir dessas lembranças e dos capitais construídos no decorrer de sua passagem por agremiações políticas e de classe, essa autobiografia se tornou um marco para a

gestão e a solidificação de sua memória, vindo a ser divulgada pela imprensa, pela mídia e pelo PT. Dessa maneira, o livro reforça a militância e a carreira profissional de Abramo, influindo na maneira como deveria ser vista por seus companheiros políticos, colegas de profissão, fãs e espectadores, trazendo-lhe outro modo de expor sua vida. O próprio título, *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*, define o campo profissional como ponto central da sua vida.

Analisando mais a fundo a citação acima, devemos ter em mente que a atriz se associava a um grupo de pessoas que viveu boa parte do século XX, trazendo para si pertencimentos de geração devido ao compartilhamento de experiências e repertórios. Alda Motta (1999, p. 205 – 206) explica que esse vetor social traz à tona lembranças coletivas referentes a certos fatos e processos históricos, o que acaba por gerar identidades. Assim, segundo a autora, um grupo pode se perceber como produtor de bens culturais ou de mudanças políticas, extrapolando o fator biológico/etário e partindo para o sociocultural. Lélia partilha de algo semelhante, pois se enxerga como parte dos *cidadãos do século XX* ao *vivenciar daquele tempo*. Transcendendo a idade biológica, ela se vê como parte de um momento que considera importante para si e para os outros. Esse ponto de vista não era somente seu, mas foi moldado a partir dos repertórios adquiridos no decorrer de sua vida e no compartilhamento de suas experiências com outros sujeitos, muitos dos quais refletindo também sobre aquele *fin de siècle*. Um deles foi o cineasta Marcelo Masagão (1999), o qual produzira, naqueles anos, o filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*. Assim como Lélia, ele também entende que o século XX foi um momento de mudanças expressivas (principalmente na tecnologia e no campo social). Quando Lélia escreveu aquelas palavras, o filme ainda não havia sido lançado, mas acaba (de alguma maneira) por compartilhar de alguns repertórios e lembranças indiretas. Por exemplo, ambos tratam dos problemas decorrentes das guerras e regimes totalitários/autoritários; da luta de classes e reforçam o desejo de uma sociedade igualitária. Vale salientar ainda que a atriz e o cineasta lembram de certos acontecimentos por tabela, ou seja, não os viveram diretamente, mas partem dos mesmos para reconhecerem-se como parte de um grupo (no caso de uma geração). Todavia, Lélia trata também do *perigo vermelho* e questiona as acusações feitas contra as esquerdas. Assim, ela entende que esse problema vinha de longa data:

> Desde criança ouço dizer que o socialismo e o marxismo seriam causa da destruição da família, da desagregação da sociedade, da depravação do amor, da dissolução do Estado nacional, da traição da pátria, da prostituição de menores, da decadência da cultura, da moral, da ética, da implantação do trabalho escravo, do relaxamento dos costumes, enfim, todas as sequelas que o diabo inventou para a decadência da humanidade. Passaram-se os anos e o que constatamos hoje, na nossa humilde sociedade, é tudo o que foi elencado acima. É estranho como nós, seres humanos, estamos propensos a acreditar em mitos e conceitos que, não raro, serão mais tarde questionados e, em geral, renegados. Mas isso é história e nada podemos fazer senão ansiar pelo melhor (ABRAMO, 1997, p. 254)

Partindo desses fatos, é importante reforçar que a memória é construída por um leque diverso de referenciais, os quais não deixam de aparecer no relato das pessoas (AMADO, 1996; COSTA, 2014). Assim, muito do que Lélia escreveu era fruto daquilo que ela teve acesso no decorrer de sua vida e mesmo no momento da escrita. Como dito acima, Lélia se identificava com as esquerdas e, por isso, refutava as acusações feitas, mostrando que o sistema capitalista era o que trazia tais problemas. Da mesma maneira, devemos lembrar que a memória pode ser composta por meio do compartilhamento de experiências com outros sujeitos, o que a modificaria no decorrer do tempo (THOMSON, 1997).

Para complementar seu relato, Antônio Cândido (professor do departamento de Letras da USP e amigo de Lélia e de seus irmãos) foi convidado a prefaciar o livro e escreveu:

> (...) a origem italiana não se tornou, como para a maioria absoluta dos descendentes de imigrantes, um passado esmaecido. Dado o alto nível cultural dos seus, a tradição da mãe-pátria se preservou por meio da língua (mantida no quotidiano), das leituras, da memória sistematicamente cultivada. (...) outro ponto de apoio foi a convicção socialista, nascida quando estava entrando na quadra dos 20 anos e mantida até hoje com extraordinária fidelidade, que a tem levado a atuar com firmeza e bravura, não apenas no âmbito das atividades profissionais, mas no quadro mais largo da vida partidária. (...) O terceiro ponto de apoio que convém destacar é o profissional, a carreira surpreendente de uma grande artista que marcou o seu tempo e, no entanto, começou a pisar nos palcos depois dos 40 anos e só depois dos 47, como conta, entrou no estágio profissional (ABRAMO, 1997, p. 12 – 13)

Antônio Cândido também era companheiro de partido de Lélia. Ao comentar o livro, ele a descreve a partir de três pontos: a origem familiar (italianidade), a trajetória política (esquerdas) e carreira profissional (teatro). Além do mais, ele destaca os sacrifícios realizados pela personagem, pois "preferiu perder empregos, arriscar a segurança, sofrer discriminações para poder dizer a verdade e agir de acordo com seus pontos de vista" (ABRAMO, 1997, p. 12), conferindo homogeneidade e coesão à trajetória de sua amiga. Na posição de crítico literário e acadêmico, Antônio Cândido confere legitimidade ao texto, além de reforçar o *pacto referencial* (LEJEUNE, 2008) de Lélia por se tratar de alguém que *viu* muito daquilo que foi dito por ela. Lélia não deixa de contribuir com essa memória, pois ela compreende que se construiu por meio de sacrifícios, o que surge também no jornal sindical *Unidade*:

> [Lélia]. Superou três infartos. Às vezes, era chamada para trabalhar em minisséries e casos especiais. Esses e outros episódios de sua vida ela os narra com competência e emoção no livro "Vida e Arte – memórias de Lélia Abramo" (...). No livro, relata sua passagem pelo jornalismo; sua vida na Itália durante a Segunda Grande Guerra Mundial; como apresentou seu irmão Cláudio a Vladimir Herzog, o Vlado; como levou o amigo Luís Inácio Lula da Silva a discursar num comício decisivo para a formação do PT; e sua convivência com seus pais e irmãos: os jornalistas Fúlvio e Cláudio e o artista plástico Lívio (MIRANDA, 1997, p. 10)

O jornal *Unidade* também apresenta uma vida coerente. Lélia aparece como alguém que teve sua carreira desvalorizada devido aos seus posicionamentos políticos, fazendo *coro* às afirmações de Antônio Cândido. Se, por um lado, ela contribuía com essa memória, a publicação de seu livro segue o caminho inverso daquele traçado pela mídia. Segundo Phillippe Lejeune (2008), a divulgação de livros e autobiografias passa por um processo de midiatização. Se antes partia-se do escrito para gerar interesse em conhecer seu autor, posteriormente a televisão e os jornais seguiram o caminho inverso. No caso da autobiografia de Lélia, tanto o PT quanto a mídia usaram dessa ferramenta para divulgar a publicação e partiram da trajetória e das falas de sua autora para atrair leitores. O *Diário Popular*, por exemplo, volta-se para o período do regime civil-militar brasileiro (1964 – 1985) para lembrar dos sacrifícios realizados por Lélia em sua vida:

> Depois de sofrer três enfartes, Lélia, hoje com 88 anos, não pôde mais subir no palco: "Minha respiração estava fraca e minhas esperanças eram o cinema e a TV", justifica. Lélia, no entanto, não se arrepende de sua rebeldia contra o sistema. "Fiquei doente, magoada com a classe artística, mas descobri à época que era muito difícil lutar contra os poderosos". Hoje pouca coisa mudou. Depois de lançar o livro Vida e Arte – Memórias de Lélia Abramo, em 97, aumentaram os pedidos para entrevistas e palestras (BARBIERI JÚNIOR, 1999)

Identificando Lélia por meio desses eventos, os sujeitos acima citados reforçam atributos como a força e a coragem. Assim, é interessante notar como o seu trabalho no partido, nos palcos e nos sindicatos foi repetido diversas vezes com o objetivo de compreender a sua trajetória e reforçar certos pontos de vista. Tal perspectiva era fomentada pela proximidade afetiva ou ideológica com a atriz, o que (sem deixar de reconhecer as experiências dela em um período de repressão) acabam por *enquadrar* a sua memória em certos fatos, mas silenciando angústias e possíveis hesitações. A questão aqui não é buscar a veracidade dos relatos, mas compreender que, as lembranças são frutos de demandas de um determinado momento e, por isso, não podem ser tomadas como algo que traz a percepção exata do momento recordado. Partindo desse gancho, vejamos um segundo ponto crucial para a (re) construção, fortalecimento e gestão de sua memória: o seu falecimento (2004).

APLAUSOS PARA FECHAR AS CORTINAS: O FALECIMENTO DE LÉLIA ABRAMO (9 DE ABRIL DE 2004)

> Morreu aos 93 anos, a atriz e escritora Lélia Abramo, em consequência de uma embolia pulmonar, por volta das 20h30 desta sexta-feira. Ela estava internada havia uma semana na UTI do Hospital Modelo, no bairro da Liberdade, em São Paulo. Sua última aparição pública foi no dia 31 de março passado durante um evento internacional de educação, realizado no auditório do Anhembi, onde foi homenageada por sua luta contra a ditadura militar. Segundo o dramaturgo Arthur Di Pietro, amigo de Lélia Abramo, nesse dia ela se queixou de dor nas pernas em decorrência de uma queda sofrida em casa. Dois dias depois, sofreu a embolia e foi internada pela família. O velório da atriz será no Teatro Municipal, centro da cidade, a partir das 6h deste sábado. O enterro acontecerá no cemitério Getsêmani, bairro do Morumbi (Zona Oeste), às 16h (AÑON, 2004)

Lélia Abramo faleceu no dia 9 de abril de 2004, na cidade de São Paulo – SP. Com 93 anos de idade, ela foi lembrada pela *Folha de São Paulo* devido ao seu trabalho nos palcos e nas telas. Contudo, a nota acima ressalta também a sua militância política. Trata-se de um texto publicado na página virtual do periódico, o qual leva o leitor a matérias correlatas, imagens e cronologias referentes à pessoa ou fato central da notícia. Ela é seguida de um resumo da trajetória de Abramo, apresentando a sua ascendência italiana, a sua atuação na peça *Eles Não Usam Black Tie* (1958) e o período em que viveu na Itália durante a Segunda Guerra Mundial:

> Lélia Abramo era filha de imigrantes italianos. Estreou nos palcos apenas aos 47 anos, na peça 'Eles Não Usam Black-Tie' (58), a primeira montagem de Gianfrancesco Guarnieri, contracenando com os atores Milton Gonçalves e Eugenio Kusnet. Entre 1938 e 1950, morou na Itália e sofreu as agruras da época da Segunda Guerra Mundial, quando testemunhou dramas coletivos (bombardeios, comida racionada, suspensão da liberdade de ir-e-vir) (...). Em 1978, Lélia presidiu o sindicato dos artistas em São Paulo e saiu em defesa dos direitos trabalhistas da classe, enfrentando a própria emissora na qual trabalhava, a TV Globo. Lélia foi uma das fundadoras do PT, ao assinar a ata de reunião que deu origem ao partido, em 1980, com intelectuais como Mário Pedrosa, Sérgio Buarque de Holanda, Apolônio de Carvalho, Paulo Freire e Antônio Candido (AÑON, 2004)

A *Folha* ainda tratou de novelas, filmes e peças, lembrou da presidência de Lélia no SATED-SP e mencionou a sua presença no processo de fundação do PT. Nas matérias relacionadas ao texto foi publicado o pronunciamento do presidente Luís Inácio Lula da Silva, o qual era amigo e companheiro de partido de Lélia:

> A perda da atriz Lélia Abramo entristece a todos os que lutam por um Brasil digno e justo. Lélia teve uma vida exemplar pela altivez e pela coragem com as quais soube enfrentar as vicissitudes do século 20, que ela percorreu quase inteiro. Oriunda de família com inclinações socialistas, a futura atriz esteve presente já nas batalhas políticas dos anos 30, sempre ao lado da classe operária. Cerca de meio século mais tarde, acompanhamos Lélia como a combativa presidente do Sindicato dos Artistas de São Paulo e entre os signatários da fundação do Partido dos Trabalhadores. Até o fim, Lélia Abramo manteve acesa a chama da esperança. Sua última aparição pública, há menos de quinze dias, foi para lembrar o 31 de março de 1964 (SILVA, 2004)

A prefeita de São Paulo, Marta Suplicy (companheira de partido, mas sem laços estreitos de amizade) também se pronunciou em nota, a qual foi publicada pela *Folha de São Paulo* em sua página digital e elencada como sugestão de leitura para entender mais sobre a vida da atriz:

> Lélia Abramo, mulher extraordinária, que admiramos por sua integridade de caráter, enorme talento artístico e engajamento político e social de uma vida. Lélia, você partiu, mas sua luz e determinação por um mundo mais justo permanecem com milhares de trabalhadores, com o partido que você ajudou a construir e no coração de todos seus amigos (SUPLICY, 2004)

Pensando na matéria em questão, percebe-se que ela segue o padrão fúnebre descrito por Lucas La Bella Costa (2015) em seu trabalho. De acordo com o historiador, os necrológios transitam entre a biografia, a historiografia e o elogio. Nesse sentido, é perceptível que os textos acima estabelecem uma relação entre a vida de Lélia Abramo e o seu entorno. Há que se lembrar ainda que esses textos servem para gerir capitais simbólicos (ISSLER, 2004), o que nos ajuda, inclusive, a analisar quem tinha laços com a atriz e qual foi a recepção de sua morte em diferentes círculos. Douglas Marcelino (2016) também atenta para a importância de se debruçar sobre essa questão nos elogios fúnebres e mostra que o Estado foi partícipe nas homenagens a *grandes personagens*. De acordo com o autor, tal fato não ocorria por acaso, mas era realizado por meio de uma política de seleção de vidas que servissem (de acordo com os interesses de quem estava no poder) para educar a população. Tais pesquisas nos dão aporte para analisar como as cerimônias em torno da morte de Lélia teriam sido engrandecidas pela presença do seu partido no poder naquele momento. Ao ser velada no salão nobre do Teatro Municipal, a prefeitura de São Paulo trazia a mensagem de que ela se destacara pela sua carreira artística.

Douglas Marcelino (2009) escreve que, diferente do que se estudou sobre o declínio dos ritos cívicos no final do século XX, as cerimônias fúnebres seguiram sendo momentos de fortalecimento de sentimentos pátrios. Apesar de afastar-se de uma postura nacionalista, o funeral de Lélia expunha valores como a democracia e a justiça social, os quais eram caros para o governo federal e para a gestão municipal paulistana naquele momento. Mas, retornando à *Folha*, percebe-se que o seu texto segue um roteiro: anunciar o falecimento, detalhar onde e como será o funeral e apresentar um resumo da vida da pessoa falecida. Já as falas de duas autoridades reforçam a atividade política de Lélia e a sua proximidade com movimentos sindicais e grupos de trabalhadores. Seguindo o tom elogioso, fazem-na transcender o corpo físico para se tornar um ente social (COSTA, 2015). Contudo, é importante lembrar que o governo federal e o periódico paulistano não estavam na mesma trincheira política. Se Lula e Marta se identificavam com Lélia pela sua atividade política e os valores defendidos por ela no final de sua vida, a Folha buscava noticiar a morte de uma atriz com visibilidade na mídia daquele momento. A reprodução das notas da presidência, então, não se daria necessariamente pela concordância com o seu conteúdo, mas provavelmente com o intuito de apresentar a repercussão de sua morte e ressaltar com quem ela tinha proximidade, reforçando que se tratava de uma militante política.

Há que se lembrar que muito dessas lembranças foi construído pela própria Lélia desde a publicação de sua autobiografia em 1997, como visto na seção anterior. O seu livro chega a ser citado em uma matéria impressa da *Folha* a partir de citações de amigos, colegas de trabalho e pessoas próximas:

> "Ela trabalhou contra o fascismo na Itália e teve uma luta muito bonita pela democratização no Brasil", disse a atriz Tônia Carrero. "Infelizmente, nunca trabalhamos juntas. Tínhamos uma ligação poética, de respeito. Fiquei sentida com sua morte, mas ela viveu longamente, e muito bem. Teve um fim digno." (...) "Ao longo dos últimos 20 anos a gente teve uma relação muito forte. Cheguei a começar a ensaiar com ela a peça 'Uma Ausência', mas sua saúde já estava muito debilitada", afirmou Eduardo Tolentino, diretor do grupo Tapa, que trabalhou com a atriz nos espetáculos "Os Arcanos Maiores da Poesia Surrealista", no final dos anos 80, e "Fragmentos e Canções", em 94 (FOLHA, 2004, p. A – 16)

O texto da *Folha* ocupa metade da página e cita a militância política e a carreira profissional da atriz. Tanto na notícia digital quanto na impressa, ela é apontada como escritora (devido à sua autobiografia). Além do mais, o jornal se volta para sua origem familiar e a apresenta como alguém que "Tinha seis irmãos, entre eles o jornalista Cláudio Abramo (1923 – 87) e o artista plástico Lívio Abramo (1903 – 1992)" (FOLHA, 2004, p. A – 16). Há também uma cronologia da sua vida, a qual inclui uma fotografia de Abramo atuando em *Eles não usam Black-Tie*, ressaltando aquele que foi considerado o seu principal trabalho nos palcos. A *Folha* (2004, p. A – 16) não deixa de lembrar da sua atuação política com a matéria "Artista viveu e representou seus ideais", mas a imagem que predomina é a da atriz. *O Estado de São Paulo* utilizou um espaço menor para noticiar a morte de Lélia Abramo, publicando um texto que dividiu espaço com um grande anúncio comercial:

> A atriz e militante política Lélia Abramo morreu na noite de anteontem, aos 93 anos, em São Paulo. (...) Lélia Abramo iniciou sua carreira de atriz aos 47 anos de idade, na década de 1950, ao voltar de uma longa estadia na Itália (...). Encenando peças no idioma italiano, ela foi vista por José Renato Pécora, fundador do Arena. Começou então sua carreira profissional no papel de Romana, na primeira encenação da peça Eles Não Usam Black-Tie, contracenando com Eugênio Kusnet e Gianfrancesco Guarnieri. Foi uma estreia com pé direito. (...)
>
> Militância – Sua carreira foi interrompida em 1978, quando teve o primeiro enfarte (...). A assinatura de Lélia está entre as seis primeiras do lançamento do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, em 1980 (...). A origem de Lélia nada tem de operária, ela passou a primeira infância num ambiente de riqueza material e cultural. Filha de imigrantes italianos, seu pai era industrial. Mas a má-fé de um sócio – auxiliada pela excessiva boa-fé do pai – levou a família à falência. Aos 21 anos, Lélia foi trabalhar no escritório de uma fábrica. "Não foi a influência do meu avô e nem a leitura de O Capital que me fizeram socialista, mas o trabalho naquela fábrica", contou Lélia em entrevista ao Estado (NÉSPOLI; SPADA, 2004, p. A – 15)

O Estado de São Paulo não deixa de usar do tom elogioso para descrever Lélia Abramo. Sua nota se divide em duas partes: a notícia do falecimento e a trajetória profissional e política da atriz, reforçando seus laços políticos e partidários. Diferente da *Folha*, o afastamento dos palcos é atribuído à deterioração de sua saúde, silenciando as tensões e os boicotes sofridos após ela se tornar presidenta do SATED-SP em 1978. Mesmo assim, o jornal também inicia o texto pela atividade nos palcos e igualmente define *Eles Não Usam Black Tie* como um marco. Apesar do destaque dado ao estrelato, *O Estado* optou por ressaltar também a sua proximidade com o PT. Diferente da *Folha*, o periódico não

divulgou a fala da presidência em sua íntegra, mas os seguintes trechos: "Em nota oficial, o presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) afirmou que: 'a perda de Lélia Abramo entristece a todos os que lutam por um Brasil digno e justo'. A prefeita Marta Suplicy (PT) também divulgou nota em homenagem a Lélia" (NÉSPOLI; SPADA, 2004, p. A – 15).

O Estado de São Paulo também exaltou a vida de Lélia em sua página digital, lembrando dela como aquela que ficou "Famosa tanto por sua atuação no teatro, no cinema e na TV, quanto pelas atividades e postura política socialista", além de ser "irmã de dois dos profissionais mais atuantes da história do jornalismo brasileiro – Cláudio e Lívio Abramo" (ESTADO, 2004). Seja no impresso ou no virtual, o jornal não esqueceu da carreira política de Abramo, mas se volta para os palcos. A política, por outro lado, não deixa de ser um traço expressivo. Vale salientar que os dois periódicos se apoiam na sua família para descreve quem foi Lélia Abramo. Tal referência se dava pela visibilidade que seus irmãos tinham na mídia e na imprensa, visto que um deles (Cláudio) era jornalista e colunista da *Folha*. Com uma lembrança em parte semelhante, a revista *Veja* reservou ainda menos linhas para tratar da morte da atriz:

> Lélia Abramo, atriz e dramaturga. Irmã dos jornalistas Cláudio e Lívio Abramo, começou tarde a carreira de atriz, depois dos 40 anos. Como líder do sindicato da categoria, foi uma das responsáveis pela regulamentação de sua profissão. Tornou-se conhecida pelo engajamento em movimentos políticos e sociais, como a campanha Diretas Já, em 1984. Integrou o grupo de fundadores do Partido dos Trabalhadores. Hospitalizada no dia 2 devido a uma queda em que fraturou a bacia, morreu em consequência de uma embolia pulmonar. Dia 9, aos 93 anos, em São Paulo (VEJA, 2004, p. 99)

Assim como a *Folha* e o *Estado*, a *Veja* também evidencia os nomes de seus irmãos, o que também pode ser fruto dos fatores acima postos. Pensando nos interesses dessa revista, devemos levar em consideração que, para a mídia corporativa, os capitais sociais de Abramo se apoiavam na origem familiar e na carreira artística e não no seu partido ou nos sindicatos. O *Jornal Nacional* também noticiou o falecimento da atriz, o que ficou registrado em um texto de 11 linhas em sua página virtual:

> A filha de imigrantes italianos tinha nas veias talento para o espetáculo. Participou de novelas, filmes e marcou época no teatro. Tinha também aptidão para a luta política. "Naquela época, também no Partido Comunista era muito difícil a entrada, o ingresso no partido", contou a atriz certa vez. Lélia presidiu o sindicato dos artistas e ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores com o então metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva. Lélia Abramo estava com a saúde debilitada. Na semana passada, fraturou a bacia, em uma queda, dentro de casa, e foi internada. No hospital, teve complicações. Lélia Abramo morreu ontem à noite, de problemas cardiovasculares e embolia pulmonar. As portas do Teatro Municipal se abriram para o velório. "Ela era uma mulher solidária, íntegra, compassiva. Ela tem todos os grandes predicados de um enorme ser humano", elogiou o ator Juca de Oliveira. "Vai ser difícil termos uma substituta", acredita o ator Antônio Petrin. Às 5h, Lélia Abramo foi enterrada (REDE GLOBO, 2004)

A militância não deixa de aparecer como algo essencial, mas se torna secundária para a *Veja*. Diferente do *Jornal Nacional*, o SATED-SP aparece no primeiro caso atrelado à regulamentação da profissão de atriz/ator, silenciando a atuação da personagem nas greves do ABC. A Globo chega a tratar da participação de Lélia na fundação do PT, mas igualmente reforça os seus laços familiares (os quais chegam a abrir a matéria) e o seu trabalho nos palcos. Se há quem se foque na origem familiar de Lélia, há quem se volte para a sua *identidade de classe*. Contudo, todos tratam dela como a atriz que se envolveu na política institucional e cumprem a função necrológica ao anunciar o seu falecimento, apresentar a

sua trajetória e associá-la a um grupo e período (COSTA, 2015). Adrianus Estevam Noronha (2012) diz que esse gênero textual busca silenciar ou exaltar certos traços para os seus leitores, partindo dos capitais construídos pelo falecido no decorrer de sua vida. Nesse sentido, a proximidade dele com os responsáveis pelo jornal acabam por influir na maneira como acaba sendo lembrado ao falecer. Assim, devemos compreender quem teria a sua morte noticiada, como e qual o espaço dado ao fato em suas páginas. A vida familiar de nossa personagem ganha ou perde espaço de acordo com quem a notícia, o que atenderia aos anseios de seus responsáveis. A *Folha*, o *Estado,* a *Veja* e a *Globo* partem de um olhar elitista (pois se afastam da militância política de esquerda) e corporativo (na medida em que falam de maneira semelhante). Contudo, acabam por dar espaços diferentes ao fato, pois os dois primeiros grupos midiáticos trazem mais informações sobre a vida de Lélia, enquanto os dois últimos acabam por tratar dela em poucas linhas.

Entretanto, há que se lembrar que não foi apenas a imprensa corporativa que tratou do falecimento de Abramo, mas também seus companheiros de partido. Em matéria de meia página, a revista *Linha Direta*, do PT, escreve:

> Morreu no último dia 10, vítima de embolia pulmonar, a atriz, escritora e militante petista Lélia Abramo. Em 1980, Lélia assinou a ata de fundação do PT, no Colégio Sion, junto com Mário Pedrosa, Manuel da Conceição, Sérgio Buarque de Holanda e Apolônio de Carvalho. Suas primeiras ações políticas aconteceram nos anos 30, quando foi demitida de uma fábrica por criticar o governo Getúlio Vargas. Em 1978 presidiu o sindicato dos Artistas em São Paulo e foi uma das responsáveis pela regulamentação da categoria profissional; conheceu o presidente Lula em 1978, de quem tornou-se amiga e parceira de militância; esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros, como as manifestações contra a ditadura militar e a campanha pelas Diretas Já. Segundo nota assinada pela Secretaria Nacional de Cultura do PT, divulgada no dia 10, "Lélia foi um furacão de vida e de generosidade que fez das ruas e praças do Brasil o seu próprio palco. Atriz, escritora, militante política e sindical fez das lutas de nosso povo o seu próprio script, o seu próprio roteiro". E finaliza, "ao nos deixar, Lélia deixa também saudade e muitas lições. Que nossa sociedade continue a luta desta grande brasileira (LINHA DIRETA, 2004, p. 10)

O interesse do PT é homenagear a militante e ressaltar a sua própria história. Focados na carreira política e profissional de Lélia, ele acaba por reduzir o espaço da família, diferente da *Folha* e do *Estado*. O necrológio começa pela fundação do PT (1980) e ressalta a presença de outros sujeitos, o que pode ser uma forma de associar a atriz a tais pessoas a fim de gerir seus capitais políticos. Nesse sentido, eles lembram da amizade de Abramo com Lula e apresentam a sua atuação a partir de atividades de classe, estabelecendo uma ponte entre Abramo e as principais bandeiras do Partido dos Trabalhadores. Por fim, sua imagem é posta em um panteão, reforçando que ela deve ser lembrada como um exemplo para a militância (COSTA, 2015). Uma perspectiva semelhante aparece no jornal do Sindicato dos Bancários:

> A atriz Lélia Abramo que dá nome ao espaço cultural do Sindicato por sua importância para a sociedade brasileira nas artes e na política, morreu na última sexta-feira em São Paulo. Lélia tinha 93 anos, a maior parte deles dedicados à luta pela democracia. Brasileira, descendente de italianos, ela combateu o fascismo na Itália e foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores em 1980 (...). Expulsa do Sindicato dos Comerciários de São Paulo em 1937 por criticar o governo Vargas, Lélia chegou à presidência do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo em 1978. O posto lhe valeu a demissão da rede Globo dias depois (...). No último 31 de março, quando o golpe militar brasileiro completou 40 anos, a atriz fez sua última aparição pública. Recebeu homenagens por sua atuação contra a ditadura e não deixou por menos, ao cantar, emocionada, o hino da Internacional Socialista (...) (FOLHA BANCÁRIA, 2004, p. 4)

O boicote midiático reaparece para reforçar o sacrifício da atriz/militante. A última aparição pública (em um evento sobre o golpe de 1964) finaliza o texto, lembrando os leitores de que se trata de alguém que resistiu ao regime. Tais eventos reforçam que Abramo faleceu sem se desviar do foco e, assim, confere coesão e linearidade a sua vida. Seus companheiros de militância também trataram do seu falecimento no expediente do Congresso Nacional, quando a senadora Ideli Salvatti registrou um voto de pesar:

> Requeiro, nos termos regimentais e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento de Lélia Abramo, ocorrido no último dia 9, aos 93 anos de idade:
>
> a) Inserção em ata de voto profundo de pesar; e
>
> b) Apresentação de condolências à família.
>
> Atriz e militante política foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores e sempre esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros. Sua história de vida confunde-se com sua história política e profissional, era uma mulher apaixonada por tudo o que fazia. Sua morte deixa um vazio entre todos os que lutam e acreditam num Brasil digno e justo (SALVATTI, 2004)

A parlamentar compartilha da ideia de que Lélia Abramo deve ser lembrada pela sua contribuição política e artística. Como companheira de partido da homenageada, ela lembra a sua participação no PT elencando-a como o primeiro fato de sua homenagem. Há ainda a definição de valores caros para o seu mandato e o seu partido, como a dignidade e a justiça social, atentando para a presença da atriz nos *principais* eventos políticos do período da abertura política brasileira. Tal memória fora reforçada ainda por outros sujeitos, como vereadores e parlamentares, como a Câmara Municipal de Diadema (SP):

> Famosa tanto por sua atuação no teatro, no cinema e na TV, quanto pelas atividades e postura política socialista, Lélia foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores e sempre esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros (...). Filha de italianos, irmã de dois dos profissionais mais atuantes da história do jornalismo brasileiro – Cláudio e Lívio Abramo. Lélia iniciou sua carreira de atriz aos 47 anos (...). A vida de Lélia está autobiografada no livro "Vida e Arte", da Editora Fundação Perseu Abramo. No livro de memórias ela conta como foi sua estadia forçada na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, sua atuação em momentos significativos da história brasileira como Ditadura Militar e a campanha pelas "Diretas Já" (...) (BANCADA DO PT, 2004)

O mesmo ocorre na Câmara de Colatina (ES):

> Lélia nos deixa como exemplo um legado de resistência, ao enfrentar sem hesitação todos os desafios de sua vida. Em seu livro de memórias, Vida e Arte, registra com a sabedoria dos iluminados "... o impressionante avanço tecnológico e científico do século teria tido resultados mais vantajosos para todos numa sociedade menos injusta, com equilíbrio na distribuição de renda e com maior respeito pelos direitos humanos" (LIEVORE, 2004)

A autobiografia de Lélia foi citada por ambas as casas legislativas. Há ainda uma homenagem da Câmara Municipal de Tatuí (SP), mas nesse caso foi realizado apenas um minuto de silêncio (BUENO, 2004). A percepção de que sua vida seria exemplar se repete e deve ser entendida como fruto dos anseios e necessidades de quem produziu essas homenagens. Lélia foi lembrada no momento de sua morte por emissoras de televisão, jornais, revistas e periódicos sindicalistas e partidários. Como um evento central na gestão de sua memória, o seu falecimento deve ser analisado não apenas como um ponto final, mas como o marco inicial de um outro momento: a construção de um legado, o qual não

estaria livre de disputas e conflitos entre aqueles que pretendiam (ou pretendem) preservar os seus próprios pontos de vista sobre a vida dessa militante. Se o PT e parte de seus colegas de trabalho se voltam para os sacrifícios, a resistência ao autoritarismo e sua contribuição para a *classe artística*, a imprensa da elite enquadra a memória de Lélia na sua carreira artística, silenciando os conflitos e boicotes decorrentes de sua militância sindical. Apesar de ambos reconhecerem o seu trabalho nas artes cênicas, o que entra em disputa aqui é a sua relação com a mídia (a atriz que militou em prol da regulamentação da profissão de ator e foi silenciada/a atriz renomada que tinha familiares próximos à elite). Esses conflitos seguiram ocorrendo nos anos seguintes, o que pode ser observado nas homenagens póstumas realizadas depois do seu centenário (2011).

UM CENTENÁRIO E AQUILO QUE SE SEGUIU: LÉLIA "VOLTOU" AOS PALCOS PARA SEUS AMIGOS E COMPANHEIROS

Por ocasião do centenário do nascimento de Lélia Abramo (2011) foi realizado um evento no Teatro de Arena (Centro de São Paulo) com a presença de amigos, familiares e companheiros do PT. Dentre as homenagens, foi recitado o poema *Estrela*, de Vladimir Maiakovski (1913), uma apresentação de um trecho de *Rosa Vermelha*, de Dulce Muniz (LINHA DIRETA, 2011), além de falas e depoimentos de pessoas que tiveram proximidade com a atriz. O evento preservava a memória militante da atriz, destacando a sua carreira nos palcos, mas também nos sindicatos e no Partido dos Trabalhadores, o que partia dos laços construídos por ela nesses espaços. Acompanhando o evento, o jornal Linha Direta (PT) produziu um vídeo que diz:

> Mulher que dedicou toda uma vida às causas políticas e ao combate às injustiças sociais (...). Foi no palco do Teatro de Arena onde a atriz iniciou a sua carreira profissional, que familiares e amigos se reuniram no dia 8 de fevereiro para comemorar seu centenário (...). Trechos do livro escrito por Lélia relembraram uma mulher corajosa (...). Os amigos preferiram lembrar de uma Lélia marcante (...) O público reviveu uma cena de uma atriz talentosa (...). Na política, a atriz (...) participou ativamente da criação do Partido dos Trabalhadores na década de 80 e enfrentou a opressão por seu posicionamento político, conduta que até hoje é prestigiada pelo PT (...). Ícone de uma geração de atores, Lélia presidiu o sindicato da categoria e lutou pelo reconhecimento da arte no país (...). Os cem anos da atriz foram comemorados da sua maneira, com alegria, música e união (LINHA DIRETA, 2011)

Diferente dos textos, homenagens e necrológios produzidos sete anos antes, Lélia passa agora a ser lembrada pelo gênero e por sua *personalidade*, o que aparece na fala do ator Chico Assis: "A Lélia era uma pessoa mal-humorada. Quem conheceu, sabe. Ela era mal-humorada, mas quando ela encontrava um motivo de ironia, ela se deleitava (...), pela ironia, mas depois ela fechava de novo, porque ela não tinha esse sorriso fácil" (LINHA DIRETA, 2011). Tal lembrança aparece também numa entrevista de Dulce Muniz e Ligia de Paula realizada dois anos depois: "A Lélia era uma mulher briguenta. Eu mesma briguei muito com ela (...). No outro dia eu voltava e falava: 'sargento Muniz me apresentando.' E ela falava: 'Pois não.' Ela dava trabalho" (MUNIZ, 2013). Ela ainda disse:

> A Lélia frequentou muito a minha casa (...) ela era louca por criança e ela (...) tinha dois amiguinhos (ela conta no livro) (...). Adorava criança e ao mesmo tempo era uma mulher muito generosa. Nós temos uma imagem dela como *a mulher que veio à frente*, mas no dia-a-dia de sua casa ela me ensinou a fazer coisas que eu não sabia (...). Ela me ensinou a fazer *caponata* (...) e que nunca se põe a semente do tomate. Então ela tinha essas particularidades, essas delicadezas (...) (MUNIZ, 2013)

Uma questão pertinente para analisar essas fontes é o gênero de quem fala, pois para Chico Assis ela representaria a militante, deixando sua condição de mulher oculta. Já Dulce Muniz lembra de momentos do âmbito privado, o que além de trazer dados sobre a proximidade que ela tinha com a atriz, mostra como o seu ideal de atuação política passava pela vida privada. Assim, a primeira fala destaca uma militante das ruas, enquanto a outra lembra também de traços como a sensibilidade. Vale destacar que a memória é generificada (ROVAI, 2014). Nesse sentido, vemos como os dois relatos acima destoam em alguns aspectos, apesar de convergirem em outros, pois apesar de prestarem reverência à vida de Lélia e compartilhar do ponto de vista do PT, acabam tomando caminhos diferentes no que diz respeito ao trato com as pessoas. Vale destacar que o gênero é o primeiro atributo citado pelo jornal *Linha Direta*, o que pode ser decorrente do impacto recente da eleição de Dilma Rousseff para a presidência da República (2010), e da consequente emergência do debate sobre a representatividade política das mulheres nos espaços políticos, o que não deixou de ser acompanhada de uma série de ataques misóginos (ARAÚJO, 2008; BIROLI, 2018; PRONER, 2016; SCHMIDT, 2011).

Para a imprensa corporativa, o centenário de Lélia Abramo mereceu uma ênfase diferente. Os jornais *Folha de São São Paulo* e *O Estado de São Paulo* noticiaram as celebrações do dia 8 de fevereiro da seguinte maneira:

> Novo secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, Sérgio Mamberti leu poema do russo Vladimir Maiakovski na homenagem ao centenário da atriz Lélia Abramo (...), no Teatro de Arena Eugênio Kusnet. O ator Antônio Abujamra discursou (...). (FOLHA, 2011, p. E-2)
>
> Na cerimônia haverá leitura dramática de poemas de Maiakovski e trechos da autobiografia Vida e Arte – Memórias de Lélia Abramo. O Coral Luther King participará cantando a música Bella Ciao. O tributo ainda inclui um vídeo com imagens e a dramaturgia do Núcleo 184, que apresentará fragmento da peça Rosa Vermelha, de Dulce Muniz. Ainda este mês haverá na Cinemateca ciclo de filmes com participação de Lélia e mostra de fotos, cujos horários e datas ainda serão divulgados (O ESTADO, 2011, p. 45)

No primeiro caso o foco é a participação de Sérgio Mamberti e Antônio Abujamra na homenagem a Lélia Abramo. A nota tem seis linhas e se localiza no canto inferior da página. Há fotos dos dois atores, mas nenhuma imagem da homenageada, apesar do título *Memória*. No segundo caso há um espaço maior à celebração: uma coluna de vinte e uma linhas ladeada por outras duas notícias sobre música. O texto é intitulado *Homenagem a atriz Lélia Abramo* e está na seção *Teatro*. Em geral, a condição de gênero de Lélia foi ressaltada nas memórias e relatos realizados no ano do seu centenário. Ela foi lembrada como uma mulher que rompia expectativas e que havia ocupado espaços de poder, representação essa compartilhada entre o PT e entidades sindicais, como o SATED-SP e o Sindicato dos Bancários. A mídia corporativa, por sua vez, exaltou sua carreira artística, mas não deixou de colocar Lélia em segundo lugar ao enfocar outras pessoas ou reverenciar o centenário de uma atriz e não de uma militante.

Partindo dessas fontes, vemos como alguns dados são cristalizados nas memórias sobre Lélia Abramo. Se para a grande mídia ela é primeiramente uma atriz, para o PT e algumas entidades de classe a militância teria prioridade. Essas diferenças não deixam de estar presentes entre os companheiros de Lélia. O PT lembra da participação dela na sua fundação e em eventos em torno do processo de redemocratização brasileiro. Já os sindicatos destacam as greves do ABC e a presidência do SATED-SP e põem a atuação partidária em segundo plano. Essas diferenças ajudam-nos a analisar a construção e a

gestão dos capitais simbólicos de Lélia Abramo em diferentes grupos e momentos. Em disputa ou em complementaridade, todos esses agentes acabam se apoiando no ponto de vista da atriz para construir a sua imagem e, portanto, devem ser analisados com cuidado, pois não reproduzem a totalidade da sua vida, mas os sentimentos e necessidades de certos sujeitos em determinados períodos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como no caso de qualquer indivíduo, a vida de Lélia Abramo deve ser estudada como o desenrolar de projetos em um determinado campo de possibilidades (VELHO, 1999) e não como uma linearidade coerente e apartada de um meio sociocultural (ELIAS, 1994; SCHMIDT, 2014; BOURDIEU, 2015). Nossa personagem, como os demais sujeitos históricos, partiu dos laços profissionais e de amizade construídos em sua vida para acessar certos locais, o que consequentemente influiu na maneira como foi lembrada posteriormente. Assim como outras trajetórias, seu exemplo não deve ser estudado como o de uma pessoa que nasce com certos dons inatos, ganha visibilidade, chega ao seu auge e morre (BOURDIEU, 2015; SCHMIDT, 2014).

Os debates e análises acima realizados são úteis para desconstruir idealizações que pautam uma singularidade fictícia, ou seja, como se os indivíduos agissem pura e simplesmente pelas suas vontades ou ideais, apartados de um meio social e de situações alheias à sua vontade. Dessa maneira, conseguimos evitar o erro de *psicologizar* os sujeitos (DOSSE, 2009) sem deixar de romper com generalizações. É importante também lembrar que a imagem que uma pessoa constrói de si pode ser reproduzida em outros círculos, sendo gerida e mantida por seus amigos, familiares ou mesmo companheiros de militância. Os capitais simbólicos igualmente surgem em momentos chave e podem contribuir para a construção de memórias póstumas, devendo ser analisados com cuidado, pois não seriam uma representação total de sua vida.

Lélia nasceu sim em São Paulo no ano de 1911, era filha de um casal de elite oriundo da Itália e se inseriu nas esquerdas com o apoio de seus irmãos mais velhos. Atuou no Sindicato dos Comerciários e na Liga Comunista Internacionalista, mas teve de se afastar ao partir para a Itália. Chegando lá, teve seus planos modificados por situações alheias à sua vontade, permanecendo no exterior até 1950. Tornou-se atriz em 1958 e presidenta de um sindicato em 1978, além de trabalhar na Secretaria Municipal de Cultura entre 1989 e 1993. Publicou uma autobiografia em 1997, participou da posse do presidente Lula em 2003 e faleceu em 2004. A ideia aqui não é questionar a trajetória de Lélia Abramo, mas de analisar como ela foi apropriada e contada por diferentes sujeitos, os quais enquadram suas memórias em certos fatos a fim de silenciar possíveis dissonâncias (POLLAK, 1989). O que devemos ter cuidado, contudo, é para não reproduzir idealizações e linearidades. Sua autobiografia serviu de embasamento para relatos posteriores, mas não impediu que outras questões viessem à tona com o andar da carruagem. Se as experiências são interrompidas pelo falecimento físico, a existência mnemônica dura por muito mais tempo.

REFERÊNCIAS

Fontes

Acervos Online:

S/A. Homenagem à atriz Lélia Abramo. O Estado de São Paulo, 8 de fevereiro de 2011. p. 45. Acervo Digital: https://acervo.estadao.com.br/ Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

S/A. Memória. Folha de São Paulo, 10 de fevereiro de 2011. p. E – 2. Acervo Digital: https://acervo.folha.com.br/index.do Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

Arquivo do IEB-USP:

BANCADA do PT. Requerimento nº 686/04, Processo nº 723/04. Diadema: Câmara Municipal, 22 de abril de 2004. pp. 1 – 2.

BUENO, Fábio José Menezes. Ofício CMT/04. Tatuí: Câmara Municipal, 11 de maio de 2004.

LIEVORE, Genivaldo José. Moção nº 040/2004. Colatina: Câmara Municipal, 28 de abril de 2004.

NÉSPOLI, Beth. SPADA, Vanessa. Morre a atriz e militante política Lélia Abramo. O Estado de São Paulo. 11 de abril de 2004. p. A – 15.

S/A. Lélia Abramo morre aos 93. Diretório Estadual do PT São Paulo. Linha Direta. Ano XIII, n 604, de 12 a 19 de abril de 2004. p. 10.

S/A. Morre, aos 93, a guerreira Lélia. Folha Bancária. 13 e 14 de abril de 2004. p. 4.

S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. Folha de São Paulo. 11 de abril de 2004. p. A-16.

S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. O Estado Online. 10 de abril de 2004. Matéria impressa pela família.

SALVATTI, Ideli. Requerimento nº 452 de 2004. Brasília: Senado Federal, 19 de abril de 2004.

Livros:

ABRAMO, Lélia. Vida e arte: memórias de Lélia Abramo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

Fundação Perseu Abramo:

S/A. Faleceram. Veja. 21 de abril de 2004. Página de revista. p. 99.

Youtube:

AÑON, Rachel; BLAT, Jorge. Morre a atriz e escritora Lélia Abramo. Folha Online. 10 de abril de 2004. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43174.shtml Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

MASAGÃO, Marcelo. Nós que aqui estamos, por vós esperamos. Longa-metragem. Duração: 1:13 hrs. Rio de Janeiro: Riofilmes. 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FxWfSkcVc_Y Acesso: 08/0102021 às 17:08 hrs.

MUNIZ, Dulce. Entrevista sobre Lélia Abramo. Programa Memória e Contexto. TVT, 6 de maio de 2013. Youtube. Memória e Contexto: Lélia Abramo 3/3. Canal Rede TVT, 6 de maio de 2013. Duração 14:29 mins. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=olidIN5r4To Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

REDE Globo de Televisão. Jornal Nacional. Foi enterrada hoje, em São Paulo, a atriz Lélia Abramo. Ela morreu ontem, aos 93 anos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de abril de 2004. Disponível em: http://jornalnacional.globo.com/telejornais/jn/0,,mul554207-10406,00foi+enterrada+hoje+em+são+paulo+a+atriz+lelia+abramo+ela+morreu+ontem+aos+a.html Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

S/A. Homenagem aos 100 anos de Lélia Abramo. São Paulo: Teatro de Arena, 8 de fevereiro de 2011. Youtube. Lélia Abramo 100 anos. Canal Filme Zero, 27 de fevereiro de 2011. 2:31 mins. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=soUCal0S3cY Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

SILVA, Luís Inácio Lula da. Nota oficial. Apud: S/A. Lula lembra "batalhas" de Lélia Abramo, uma das fundadoras do PT. Folha Online. 10 de abril de 2004. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43176.shtml Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

SUPLICY, Marta. Nota Oficial. Apud: S/A. Marta Suplicy destaca "engajamento político e social" de Lélia Abramo. Folha Online. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43177.shtml Acesso: 08/10/2021 às 17:08 hrs.

Bibliografia

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Projeto História,* São Paulo n. 14, 1996.

ARAÚJO, Clara. Incongruências e dubiedades, deslegitimação e legitimação: o golpe contra Dilma Rousseff. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (org.). *O Golpe na perspectiva de Gênero.* Coleção Cult. Salvador: Edufba, 2018.

BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Entre lágrimas, sorrisos e muita luta:* a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –). Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021a.

BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. Erigindo monumentos com palavras: a repercussão do falecimento de Lélia Abramo e sua influência na gestão de uma memória póstuma. *Anais do 31° Simpósio Nacional de História* [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia organização Márcia Maria Menendes Motta. 1. ed. São Paulo : ANPUH-Brasil, 2021b.

BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). *O Golpe na perspectiva de Gênero.* Coleção Cult. Salvador: Edufba, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. *História Oral,* Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

COSTA, Lucas La Bella. *Monumentos de papel:* a poética da morte nos necrológios de Manoel de Araújo Porto-Alegre (1839-1857). Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

DOSSE, François. *O desafio biográfico:* escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ISSLER, Bernardo. A morte como notícia ou anúncio. *XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)*. São Bernardo do Campo, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LORIGA, Sabina. A Biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas:* A Experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

MARCELINO, Douglas Attila. A morte de Tancredo Neves pela TV: algumas reflexões sobre rituais, memória e identidade nacional. *Mosaico*, v. 1, n. 1, p. 30-57, 2009.

MARCELINO, Douglas Attila. Rituais políticos e representações do passado: sobre os funerais de "homens de letras" na passagem do império à república. *Tempo*, v. 22, n. 40, p. 260-282, 2016.

NORONHA, Adrianus Estevam. "Dados biographicos Do extincto": análise Das fontes para o estudo prosopográfico de elites locais (os necrológios). *XI Encontro Estadual de História (ANPUH-RS)*. Rio Grande, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200- 215, 1992.

PRONER, Carol. Golpe Branco no Brasil: Dilma alerta na ONU. In: PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *A resistência ao golpe de 2016.* Bauru: Canal 6 Editora, 2016.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *A greve no masculino e no feminino:* Osasco, 1968. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. É da época e deu": usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no brasil. *Perseu:* História, Memória e Política, n. 07, 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História.* Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade.* Porto Alegre, n. 16, 1991.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose.* Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.